

America: il racconto di un continente
América: el relato de un continente

a cura di | editado por Susanna Regazzoni, Fabiola Cecere

Monteiro Lobato e o intercâmbio literário com sul-americanos

Correspondências com Manuel Gálvez e Horacio Quiroga

Heloisa Sousa Pinto Netto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Abstract This article deals with the interchange among Monteiro Lobato, Manuel Gálvez and Horacio Quiroga – in particular, exchanged correspondences and articles published in newspapers and magazines between 1918 and 1925, during the period Monteiro Lobato was at the head of the periodical *Revista do Brasil* and created his first publishing house, Monteiro Lobato & Cia. – with the aim of identifying some actions of these scholars aiming at boosting the circulation of translations of their own articles. The study also aims to highlight the efforts made towards greater integration among Latin American countries, through collections of literary works that they considered representative of their respective literatures.

Keywords Monteiro Lobato. Manuel Gálvez. Horacio Quiroga. Cultural exchanged. Latin America.

Sumario 1 Introdução. – 2 Monteiro Lobato e a *Revista do Brasil*. – 3 A troca de correspondências. – 4 Considerações finais.

1 Introdução

A relação do escritor Monteiro Lobato (1882-1948) com a região do Prata iniciou em meados da década de 1910 e durou até sua morte. O brasileiro estabeleceu vínculos profissionais e pessoais com escritores, críticos literários, editores e tradutores ao longo de, pelo menos, trinta anos, tendo inclusive vivido



Edizioni
Ca' Foscari

Biblioteca di Rassegna iberistica 14

e-ISSN 2610-9360 | ISSN 2610-8844

ISBN [ebook] 978-88-6969-319-9 | ISBN [print] 978-88-6969-320-5

Peer review | Open access

Submitted 2019-02-06 | Accepted 2019-02-26 | Published 2019-05-14

© 2019 | © Creative Commons Attribution 4.0 International Public License

DOI 10.30687/978-88-6969-319-9/014

171

na Argentina entre 1946 e 1947. O trânsito de ideias, especialmente entre São Paulo e Buenos Aires, propiciou a divulgação de trabalhos de diferentes autores, impulsionou a tradução de obras entre os países e fez com que circulassem textos literários e artigos críticos em revistas e jornais de destaque. Além disso, a aproximação entre estes letrados acabou por render interessante troca de correspondências, material que auxilia a entender a dimensão deste intercâmbio e reconhecer os respectivos sistemas literários.

Dentre os nomes do âmbito literário platino com os quais Monteiro Lobato manteve contato, dois escritores merecem atenção: o argentino Manuel Gálvez (1882-1962) e o uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937). Gálvez era, além de escritor, editor e colaborador em revistas e jornais argentinos.¹ Tal qual Lobato, esteve envolvido em projetos que objetivavam a integração sul-americana, incluindo o Brasil em tal cenário. Quiroga dividiu-se entre a literatura e atividades consulares na Argentina, onde se radicou a partir de 1903 (Albieri 2009, 48). Figura reconhecida no cenário cultural daquele país, e amigo bastante próximo de Gálvez, contribuiu com diversos periódicos de Buenos Aires. Os dois autores estavam ligados ao modernismo hispano-americano, movimento que não tem ligação com o modernismo brasileiro e sim com as estéticas do final do século XIX. Um dos canais de expressão mais significativo era a revista *Nosotros*,² espaço fértil para o florescimento do primeiro nacionalismo cultural argentino, de cunho revisionista e conservador, do qual Gálvez, ao lado de Leopoldo Lugones (1874-1938) e Ricardo Rojas (1882-1957), foi expoente.

2 Monteiro Lobato e a Revista do Brasil

Monteiro Lobato foi assíduo colaborador da *Revista do Brasil*, periódico vinculado ao jornal *O Estado de São Paulo*. Tal atividade teve início no ano de estreia da revista, em março de 1916, em seu terceiro volume, se intensificando nos dois anos seguintes – Lobato participou de 17 dos 29 números lançados – e, por fim, se consolidando em 1918,

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

1 Gálvez fundou em 1903 a revista *Ideas*, em 1916 a Cooperativa Editorial Buenos Aires e a Agencia de Librería y Publicaciones. Em 1919, cooperou com a fundação da Cooperativa Editorial Pax. Foi um dos responsáveis por editar na Argentina, em 1921, a obra *Urupés*, de Monteiro Lobato. Era também professor e entre 1906 e 1930 foi Inspector de La Enseñanza Secundaria y Especial, cargo que lhe possibilitou viajar por toda a Argentina.

2 Revista mensal de artes, história, filosofia, fundada por Alfredo Bianchi (1882-1942) e Roberto F. Giusti (1887-1978) em agosto de 1907, em Buenos Aires, que tinha por impulso «su espíritu francamente americano, fundado sobre su amplio y bien entendido nacionalismo».

quando o escritor paulista se tornou dono e diretor do periódico.³ Foi nas colunas da *Revista do Brasil* que Lobato inaugurou sua campanha em favor de um efetivo intercâmbio literário entre os países sul-americanos. Entre 1920 e 1924, escreveu onze artigos críticos sobre Literatura Hispano-Americana na seção *Bibliographia*, reunidos postumamente no volume 18 da primeira série das *Obras Completas de Monteiro Lobato*, intitulado *Crítica e outras notas* (Lobato 1965). São resenhas de obras lançadas nas primeiras décadas do século XX, escritas com o objetivo de dar a conhecer essa produção e seus autores aqui no Brasil. Ao mesmo tempo em que escrevia suas notas e resenhas, Lobato se correspondia com autores, editores e tradutores platinos, estabelecendo uma rede de troca de informações que serviam de substrato para tais publicações.

Quase todos os textos levam como título o nome da obra resenhada, trazendo rápidas análises dos enredos e informações relevantes dos autores, na grande maioria argentinos. Lobato descreve suas carreiras, dando especial relevo à qualidade da literatura produzida e às ações que, por ventura, realizavam em busca de uma unidade cultural sul-americana. Um exemplo desse procedimento está presente no artigo veiculado no volume 61, de janeiro de 1921, no qual Lobato aproxima as obras do argentino Benito Lynch (1885-1951) com a do brasileiro Godofredo Rangel (1884-1951). Lobato entende que os dois autores praticam uma arte pura e documental, e o fazem de forma requintada. Ao salientar o viés realista impresso na obra dos dois escritores, Lobato está, na realidade, ratificando seu ponto de vista: para ele, o verdadeiro romancista é aquele que faz de sua produção literária o documento de uma época.

O viés nacionalista adotado por Lobato se acentua na medida em que tece críticas contundentes em relação à dominação europeia, especialmente francesa, exercida sobre os letrados brasileiros. O 'vício da imitação' ocupava, aliás, grande parte dos debates travados entre intelectuais brasileiros. Lobato, afinado com seus contemporâneos, ressalta a necessidade de independência cultural dos antepassados coloniais europeus e saúda o novo cenário que se instaura em contraposição à supremacia cultural europeia que se constituía indistintamente: «Ninguém mais contesta o surto esplêndido que modernamente caracteriza a mentalidade sul-americana. O continente liberta-se da Europa caduca, pensa com seu próprio cérebro e faz arte sua, personalíssima» (Lobato 1965, 92).

3 A *Revista do Brasil* foi fundada em 1916 por Júlio de Mesquita (1862-1927), que a dirigiu até 1918, ocasião em que Lobato assumiu seu controle. Em 1925, em função de dificuldades financeiras, Lobato a vendeu para Assis Chateaubriand (1892-1968). A revista tinha em seu início como diretores: Plínio Barreto (1882-1958), Júlio de Mesquita e Alfredo Pujol (1865-1930); como redator-chefe: Plínio Barreto; e como secretário-gerente: J.M. Pinheiro Junior (sem dados biográficos).

Essa posição dialogava com a proposta pelos editores da *Revista do Brasil*, assumida especialmente nos volumes iniciais. Em seu primeiro número, o periódico deixou clara a intenção de se constituir em um meio de afirmação nacional. A declaração indica que suas ações priorizariam a difusão de novos valores culturais nacionais, porém deixou brechas para não os desvincular das origens que marcam o povo brasileiro.

O que há por traz do título da *Revista* e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista. [...] O seu nacionalismo não é, porém, e não será nunca uma forma de hostilidade ao estrangeiro. Não queremos isolar o Brasil da humanidade, o que seria um disparate, nem podemos negar a dívida de civilização que nos prende ao estrangeiro. [...] o estrangeiro é, e há de sempre ser, para nós, como para toda a gente, objecto de observação atenta e cotidiana. (Ribeiro 2004-2005, 181)⁴

De fato, mesmo buscando assumir um caráter primordialmente nacional, a *Revista do Brasil* não ignorou a produção europeia, recebendo publicações de países como Portugal, Espanha, Itália e França.

A influência de matrizes europeias no pensamento social brasileiro se fez presente tanto nas situações em que buscávamos nos integrar ao mundo dito civilizado quanto nos momentos em que estávamos procurando acentuar a singularidade brasileira e, portanto, demarcar nossa diferença. (Oliveira 1990, 190)

A revista recebia também contribuições argentinas. Ainda no princípio de 1918, antes de Lobato assumir a revista, a já citada seção *Bibliographia* anunciou *Proposiciones relativas al porvenir de la filosofia*, de José Ingenieros (1877-1925).⁵ Mais adiante, em 1921, Lobato fazia crítica elogiosa a Ingenieros, a quem se refere como «um nome mundial», desta feita apresentando o livro *Evolución de las Ideas Argentinas*. Em 1920, Ingenieros passou a colaborar com a revista, que celebrando sua participação afirmou: «temos esperança de que não ficará ahi, continuando a projetar a luz da sua alta mentalidade por intermédio da nossa publicação, contribuindo dess'arte, para o estreitamento das relações intellectuaes entre as duas grandes nações sul-americanas, que mais amigas serão enquanto mais se conhecerem» (Albieri 2009, 19).

⁴ Conforme *Revista do Brasil*, 1926, 2-4, *apud* Ribeiro 2004-2005, 181.

⁵ Escritor, psicólogo, médico, professor, filósofo e sociólogo que, segundo Lobato, era o único argentino que tinha o trabalho realmente reconhecido até então no Brasil. Ingenieros foi o responsável por uma nova visada sobre o caudilhismo argentino, comparando-o ao feudalismo.

Lobato estava plenamente inserido neste contexto quando assumiu o controle da revista. Contagiado por valores ligados ao nacionalismo cultural e compartilhando o ideal de que, através da literatura, seria possível promover a integração entre os países americanos, escreveu sobre os argentinos Moisés Kantor,⁶ Benito Lynch, Arturo Cancellata (1892-1957), B. Sanchez-Saez⁷ e Manuel Gálvez, sobre o uruguaio Horacio Quiroga, o espanhol Vicente Salaverri (1887-1971), que vivia no Uruguai e sobre o chileno Eduardo Barrios (1884-1963). Lobato tinha em mente vencer o desconhecimento recíproco ainda latente pelo caminho da ‘interpenetração literária’.

Em dezembro de 1920, no número 60 da revista, Lobato publica «O mal metafísico», artigo sobre a obra homônima de Manuel Gálvez, lançada naquele mesmo ano na Argentina e que ganhou versão brasileira poucos meses após. O texto menciona também outras duas obras do argentino: *La maestra normal* e *Nacha regules*, que junto com *O mal metafísico* fazem de Gálvez «um verdadeiro romancista, dotado de todos os requisitos para a construção de uma obra grandiosa como o fez em França Zola» (Lobato 1965, 110). Na sequência da breve resenha, Lobato reverencia mais uma vez o argentino, um «romancista completo» e afirma que «seus livros aliam o documento de uma época e o documento psicológico à grande arte da ficção». Segundo Lobato, essa «é a grande qualidade do romancista. Chega a ser, mesmo, a qualidade primordial. Sem ela, tenha o estilo que tiver, a profundidade que tiver, a arte de tiver, não conseguirá nunca a vitória das vitórias: ser lido» (110, 112-13).

Gálvez é novamente tema em 1922. Sua recém-lançada obra, *La tragédia de um hombre fuerte*, é título do texto veiculado em outubro daquele ano, em que Lobato atribui à obra «todos os aspectos da moderna Argentina».

Gálvez estuda [...] o eterno problema argentino de choque entre cabeça e corpo, Buenos Aires e a província. Uma sempre foi Europa, ideia nova, força que tira para frente, *worwaertz*; outra, desde os inícios da independência, sempre permaneceu Espanha, tradição, estatismo, imutabilidade. (Lobato 1965, 108)

Lobato vê a obra de Gálvez mais como um libelo de exortação ao equilíbrio entre a Buenos Aires da ‘inquietação europeia’ e a província da ‘cristalização colonial’, do que uma afirmação de posição, uma característica do escritor. O mais provável é, entretanto, que Gálvez tenha retratado o antagonismo que ainda persistia e dividia o espírito argentino através de seu filtro conservador. O escritor estava integrado

⁶ Não foi possível identificar seus dados biográficos.

⁷ Não foi possível identificar seus dados biográficos.

à direita nacionalista de viés revisionista, movimento que retomava a imagem do caudilho como representante das raízes da verdadeira argentina, organizada e hierarquizada, que buscava recuperar valores católicos e hispânicos coloniais. Gálvez dirigia seu olhar ao passado em busca das marcas da essência nacional que estaria se perdendo em meio ao processo de modernização. Para ele, a Argentina pura, de matriz cultural definida sucumbia em meio ao avanço da modernidade e a cidade de Buenos Aires, saturada de imigrantes, era um «foco candente de desargentinização» (Miceli 2012, 94).

A figura de Manuel Gálvez é lembrada em mais um artigo, agora em julho de 1923, no volume 91 da revista. «Inquérito literário sul-americano» discorre a respeito de uma pesquisa realizada pelo representante da *Revista do Brasil* em Buenos Aires, Sanchez-Sáez, entre personalidades literárias da Argentina, e também algumas de países vizinhos, sobre «as relações mentais entre o Brasil e os povos que o rodeiam». A pesquisa de Sanchez-Sáez confirmou o ainda incipiente conhecimento mútuo, o que, segundo Lobato, é motivo de todos os males. Não são «os tratados, nem os salamaleques diplomáticos, nem as missões oficiais pomposas» que aproximam os povos, «só aproxima a arte» (Lobato 1965, 87).

A ‘encuesta’ de Sanchez-Sáez esclarece muito bem a questão. Somos desconhecidos dos nossos vizinhos e pessimamente os conhecemos. O caminho, entretanto, está traçado e é um só: intercâmbio. Havemos que nos coligar todos os interessados – autores, editores, livreiros e jornalistas. É da ação entrosada de todos estes elementos que há de vir a solução do problema. Aos homens de alto pensamento e aos artistas impõe-se o dever de anular a obra malsã dos envenenadores da cordialidade, mesquinha gente, irmã do perrejejo, quando não gente alugada à indústria europeia dos canhões. Até aqui, um ou outro abnegado tem metido ombros à tarefa. Um Garay, um Sanchez-Sáez, um Bustamante, um Sotto y Calvo. (89)

Lobato lamenta pela interrupção da coleção idealizada pelo argentino Gálvez, publicada só em parte através de sua editora, a Cooperativa Editorial de Buenos Aires.

D. Quixote da fraternidade, apesar de nenhuma recompensa advinda, prosseguem na generosa cruzada – e a eles devemos o terreno já conquistado. Na Argentina, Manuel Gálvez ideou e realizou em parte o magnífico programa da «Biblioteca de Novelistas Americanos». Não prosseguiu, mas o que fez está feito e é passo a passo que grandes cousas se realizam. (90)

E destaca o caráter inovador do jornal argentino *La Nación*, primeiro periódico a traduzir obras brasileiras, fato que não se repetia em relação inversa.

Entre os jornais, cumpre destacar *La Nación*, cuja tradição de amizade pelo Brasil não se limita a palavras vãs. Já publicou em rodapé *O Guarani*, *Canaã* e outros livros nossos, editou-os em volume e hoje enche as suas páginas de copiosa colaboração brasileira, num gesto que muito nos lisonjeia. Nenhum grande jornal brasileiro a acompanhar neste programa, e é pena, embora isso se explique pela péssima situação econômica em que se encontram, graças ao nosso maravilhoso descalabro financeiro expresso em câmbio a 5. Esperamos, todavia, que tal situação não se eternize, e que tenhamos ainda por cá um movimento de reciprocidade, fecundo como está sendo o *La Nación*. (90)

Após tratar das ações desenvolvidas na Argentina que tinham por escopo a circulação literária sul-americana, Lobato fala de seus planos de publicação de uma coleção que abrangesse a América por inteiro. O nome aventado para o projeto foi *Biblioteca Sul-Americana* e contaria com obras expressivas desde o México até o sul da América.⁸ A preocupação era reunir e fazer circular as produções mais representativas de cada nação, as que traduzissem verdadeiramente o espírito nacional.

A casa Monteiro Lobato & Cia. vai também cooperar na tarefa. Lançará a «Biblioteca Sul-americana», abrindo-a com o *Facundo*, de Sarmiento, obra de gênio, que está para a Argentina como *Sertões*, de Euclides, estão para nós. Dará em seguida obras de Gálvez, Ingenieros, Quiroga, Eduardo Barrios, Cancela, Capdevilla, Hugo Wast, Salaverri e tantos outros, além de livros capitais de cada uma das repúblicas irmãs, a começar pelo México. Todas as repúblicas sul-americanas possuem a sua *Inocência*, o seu *Guarani*, o seu *Sertões*, isto é, uma ou duas obras-primas de profundíssimo cunho nacional, e nosso público não pode, como até hoje, viver no absoluto desconhecimento dessas supremas florações da mentalidade sul-americana. (90)

Se Lobato saudou inicialmente Gálvez, ele encerra seu texto celebrando os feitos de Benjamin de Garay (cf. Albieri 2009, 37⁹), o responsável pelas já citadas traduções para o jornal *La Nación*.

⁸ O termo América Latina só ganhou força após a Segunda Guerra Mundial.

⁹ Cf. Albieri 2009, 37. Benjamin Bertoli de Garay (?-1943), tradutor argentino, traduziu para o espanhol *Urupés* (1921), *El macaco que se hizo hombre* (sem data), *El Presidente Negro* (1935) *Don Quijote de los niños* (1938). Foi colaborador da *Revista do Brasil*, cujo primeiro texto («O movimento paulista na literatura brasileira (notas para um estudo)») «publicado no jornal *La Unión*, de Buenos Aires, foi transcrito para a revista; neste, Garay tece os seguintes comentários sobre Monteiro Lobato: Monteiro Lobato, além de observador capaz do meio roceiro, da vida das pequenas cidades do interior, é um analista agudo

Muito temos pregado o intercâmbio, dissertado sobre ele. Isso não basta, nem altera de uma linha o estado das cousas. É necessário pôr de lado a parolagem vã e meter ombros à realização. Benjamin de Garay, com algumas traduções, fez mais pelo Brasil na Argentina do que todos os discursadores que ‘estigmatizam’, ‘urgem’ e... só. (Albieri 2009, 37)

O argentino Benjamin de Garay é nome de peso neste contexto: além de traduzir diversos autores brasileiros ao longo de décadas, intermediou a divulgação de escritores argentinos no Brasil, tendo, inclusive, vivido no Brasil entre 1920 e 1930.¹⁰ Foi bastante próximo de Lobato, sendo o responsável pela tradução de *Urupês*, e esteve presente em várias passagens de cartas trocadas entre o brasileiro e Gálvez:

Escrevi um artigo sobre o Garay realçando o muito que em matéria de traducções elle tem feito pela nossa literatura. O Garay é um traductor fora do comum porque se apaixona pela obra e a traduz com verdadeiro carinho. Merece porisso todos os estímulos. (44)¹¹

Antes deste texto, ainda em maio de 1921, no volume 77, Lobato escreve uma coluna sobre Quiroga e sua recém-lançada obra *Anaconda*. Em nota de pé de página, Lobato afirma que Quiroga é «el más grande cuentista del Prata» (Lobato 1965, 95) e o compara ao escritor britânico, nascido em Bombaim, Rudyard Kipling (1865-1936). Vinte números após, em janeiro de 1924, Quiroga é novamente tema de uma crítica de Monteiro Lobato. Dessa vez, a obra em questão é *Historia de um amor turbio*. Em seu comentário, Lobato declara que não se trata de um livro de contos e sim de uma novela, que surpreende porque não retrata situações próprias do interior, da província, como o leitor estava acostumado a reconhecer nas obras anteriores. No caso desta, o enredo é ambientado na cidade. Lobato postula para o uruguaio uma posição entre os grandes estres do conto e rebate a incapacidade dos brasileiros de reconhecer obras superiores, aceitando toda e qualquer produção francesa.

Que pena para o Brasil o mundo ser a França e só a França! Como nos vicia da vesguice da unilateralidade essa tolice visceral que nos deixa sem olhos para ver e admirar grandes obras tão superiores à quinquilharia literária que Paris nos impinge e que nós macacal-

dos homens e das coisas, que possui uma pena em brasa, que ao mesmo tempo é pincel, buril, escapelo e lápis finíssimo» (cf. *Revista do Brasil*, n. 73, 1922, 70-1).

10 Outro nome importante com quem Lobato manteve correspondência é Juan Ramón Prieto, um dos principais responsáveis pela tradução e divulgação da literatura lobatiana no Prata.

11 16 jul. 1921.

mente sorvemos, sem o menor discernimento crítico... Não conhecemos Quiroga no Brasil por uma razão apenas: não nos veio de Paris, não se chama Horace Quirot... (Lobato 1965, 114-15)

A ambicionada coleção *Biblioteca Sul-Americana* que a Monteiro Lobato & Cia. desejava lançar gorou. *Facundo o Civilización y Barbarie* (1845), de Domingo Faustino Sarmiento (1811-88), ganhou edição em 1923, com tradução realizada por Carlos Maul e prefácio de Ricardo Rojas. Em 1924, foram traduzidas e publicadas as obras *Nacha Regules*, de Manuel Gálvez, e *Juan Moreira*, de Eduardo Gutierrez. Os dois livros saíram pela *Coleção Popular*, organizada pela Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, a nova formação editorial, agora aberta ao capital de acionistas. Lobato se refere em correspondências diversas a outras traduções em andamento, mas tudo leva a crer que tais tarefas não foram concretizadas.

3 A troca de correspondências

Em tese intitulada *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*, Albiéri (2009) faz extenso levantamento da correspondência de Lobato com escritores, editores e tradutores argentinos ou que viviam em Buenos Aires, caso do escritor Horacio Quiroga. O acesso à documentação que compôs o corpo da pesquisa se deu em três diferentes locais: CEDAE - Unicamp, Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato e Biblioteca da Academia Argentina de Letras. No CEDAE, foram identificadas 3 cartas enviadas a Lobato por Manuel Gálvez, entre 1919 e 1924, e 17 por Horacio Quiroga, entre 1921 e 1927. Na Biblioteca da Academia de Letras da Argentina, foram localizadas 31 cartas enviadas por Lobato a Gálvez, entre os anos 1919 e 1934.

Assim, o presente trabalho dará atenção às cartas trocadas entre 1918 e 1925, período em que Lobato esteve à frente da *Revista do Brasil* e da editora Monteiro Lobato & Cia. Foram selecionados trechos destas correspondências que dizem respeito ao intercâmbio literário intentado por Lobato, Gálvez e Quiroga. Algumas cartas, ainda que sejam ricas em informações sobre a vida cultural de Buenos Aires e São Paulo, ficaram fora do recorte estabelecido, posto este ser um breve estudo, sem qualquer pretensão de totalidade.

Já nas primeiras cartas trocadas entre Lobato e Gálvez, fica clara a intenção de intercâmbio dos dois escritores. Também fica evidente a importância que os periódicos *Nosotros* e *Revista do Brasil* possuíam naquele contexto. É oportuno dizer que a revista brasileira tomou novo impulso nas mãos de Lobato, através de estratégias criadas para angariar maior número de assinantes e da propaganda intermediada pelos próprios autores que tinham seus textos publicados no periódico.

A *Revista do Brasil* também publicou alguns livros com seu selo: foram dezoito lançamentos entre 1918 e 1923. Entre eles, encontravam-se seis obras de seu editor-autor: *Urupês*, editada em 1918 e reeditada duas vezes no mesmo ano, *Problema Vital*, também de 1918, *Ideias de Jeca Tatu e Cidades Mortas*, em 1919, obras que foram reeditadas no ano seguinte, junto à *Negrinha* e à 6ª edição de *Urupês*, e *A onda verde*, em 1921.

A revista argentina *Nosotros* acompanhava a profissionalização do escritor e prestigiava o trabalho crítico. Publicar em suas páginas significava estar inserido no circuito tradicional de consagração, ao menos até a consolidação das vanguardas. *Nosotros* representava «una agencia, en el campo intelectual, del sistema oficial de consagración y de sus criterios estéticos» (Altamirano, Sarlo 1997, 222). Em agosto de 1919, Gálvez escreve a Lobato e, ao ressaltar a distância cultural entre os dois países, propõe uma troca de artigos sobre literatura para publicação nas duas revistas: era o início da aproximação entre os dois escritores.

Me place muchísimo hacer relación con usted. Conozco la revista que usted dirige, y más de una vez pensé mandarle mis libros. La literatura brasileña me interesa enormemente, y sin embargo he leído libros de Coelho Netto (1864-1934), Machado de Assís (1939-1908), Gustavo Barroso (1888-1959), Aluizio de Acevedo (1857-1913), Graça Aranha (1868-1931) y Pablo Barreto (1881-1921). Todo lo que llevo leído de ese país me ha parecido excelente. Creo, con toda sinceridad, que tienen ustedes una literatura superior á la nuestra. Yo me permitiría solicitarle á usted algunos informes sobre literatura brasileña. ¿Le sería demasiado molesto, enviarme una pequeña lista, - veinte nombres, cuando más -, de lo más descollante dentro de la pura literatura? Y ya que estamos en este terreno, ¿por qué no escribe usted un artículo sobre la actual literatura brasileña, y me lo manda para «Nosotros»? Recuerdo que, á mi pedido, mi grande y llorado amigo Abel Botelho (1855-1917)¹² escribió un estudio sobre la literatura portuguesa, que yo tuve el placer de traducir y que publicamos em «Nosotros». Yo traduciría también el suyo. A mi vez, yo puedo escribirle á usted - algo más adelante, pues estoy lleno de trabajos -, un artículo sobre la literatura argentina del momento, para la Revista del Brasil. Me parece lamentable que nuestros países no se conozcan, y nosotros los escritores debemos hacer algo en vista de un acercamiento e conocimiento entre ambos pueblos. (Albieri 2009, 14)

12 Abel Acácio de Almeida Botelho, escritor português. Foi militar e embaixador de Portugal na Argentina.

A resposta de Lobato é rápida, ainda em agosto de 1919. Nela, o escritor paulista demonstra interesse em enviar um artigo sobre a literatura brasileira para *Nosotros* e destaca as primeiras ações relativas às traduções e publicações em um e outro país. Os comentários sobre tiragens e recepção de obras possibilita que se tenha uma ideia do mercado editorial argentino e brasileiro.

Logo que possa hei de mandar para «Nosotros» um artigo sobre a literatura actual e o mesmo fará o amigo sobre as letras argentinas, para a Revista do Brasil. Contribuiremos assim para o intercambio das ideias entre vizinhos que tão pouco e tão mal se conhecem. Esteve conosco Aguirre,¹³ e combinamos varias cousas interessantes relativas á publicação duma serie de traducções brasileiras que a Revista pretende lançar ahi. Conto agora, para isto, com os preciosos conselhos do novo amigo. Como Aguirre vae traduzir «Urupês» para publicarmos ahi, foi com grande prazer que recebi sua proposta para dar uma ou mais novellas na «Novela Semanal». Dou-lhe plena autorisação para isso. A venda desse livro cá no Brasil foi enorme. Basta dizer que a 5ª edição está no prelo, attingindo assim a tiragem de 16 milheiros no espaço de 15 mezes. Se a traducção Argentina pudesse sair pela Cooperativa¹⁴ seria optimo, mas não sei se ella é restricta aos autores argentinos. Aguirre nos causou optima impressão e temos esperanza de fazer muita coisa por intermedio d'elle. Depois de lidos os seus livros daremos uma nota bibliographica na Revista. A esphera de acção da Argentina se alarga entre nós; Ingenieros é muito lido; as obras da «Cultura Argentina»¹⁵ vendem-se em todas as livrarias. Promovamos pois uma reciprocidade que só trará vantagens para ambos os paizes. (Albieri 2009, 17)

13 Julián Aguirre (1868-1928), compositor argentino que realizou parte de seus estudos musicais na Espanha. Ao retornar a Buenos Aires, passou a colaborar em jornais e revistas, como a *Ideas*, fundada por Manuel Gálvez em 1903 e encerrada em 1905 (Albieri 2009, 14).

14 Cooperativa Editorial de Buenos Aires, fundada por Manuel Gálvez em 1916. A criação da editora ocorreu para que os autores argentinos não mais tivessem que pagar suas edições ou ter seus livros publicados na França e na Espanha. Para tal, formou-se uma sociedade de 100 acionistas, composta por escritores novos (que colaboravam mediante publicação de seus livros) e aqueles que já tinham projeção, como Horacio Quiroga, Alfonsina Storni, José Ingenieros, Benito Lynch e o próprio Gálvez. Durante os 5 anos em que Gálvez ficou à frente da editora (1916-1921), publicou 68 títulos, 13 só no primeiro ano (Gálvez 2006, 437-50 y Sagastizabal 1995, 42-4 *apud* Albieri 2009, 19; *Revista do Brasil*, n. 47, nov. 1919).

15 *La Cultura Argentina* foi uma coleção criada e editada por Ingenieros, entre 1915 e 1925, e publicada pelos Talleres Graficos Rosso. Seu objetivo era diversificar a oferta de livros, tornando-os acessíveis - do ponto de vista editorial (eram editados autores argentinos já falecidos) e econômico (o custo de produção era baixo, o que, consequentemente, torna-va o exemplar mais barato) - ao grande público (Albieri 2009, 19).

Gálvez havia insinuado, em carta anterior, que a literatura brasileira era superior à argentina. Em 15 de outubro de 1919, após resenha enviada pelo argentino, Lobato ratifica tal opinião sem a menor hesitação. Entretanto, sugere o crescimento da literatura naquele país e declara seus propósitos de criar espaço específico para o tema na *Revista do Brasil*.

Pela rezenha que me fez da literatura Argentina, vejo que é de fato menos rica que a nossa; mas vejo também que, acompanhando o progresso geral do país, está em plena florescência. Inda ha pouco recebi um livro de versos de Julio Usandivaras,¹⁶ que achei interessantissimo, e do qual no proximo numero da nossa revista falarei na bibliographia, abrindo assim uma seção argentina. Continuamente estamos recebendo obras dahi, apesar da revista não ter penetração no seu país. Poderia o amigo indicar-nos uma livraria ou varias que a quisessem receber em consignação, inda que a título de curiosidade? Tambem se encontrassemos um bom agente, seria negocio para a obra de intercambio que temos em vista estabelecer com a Argentina. (20)

Na carta enviada posteriormente, Lobato fala de questões de mercado e salienta a pouca receptividade dada aos livros que necessitam de maior fôlego por parte dos leitores. Em várias cartas este assunto retorna, demonstrando o peso que o aspecto comercial passava a assumir. O livro se tornava uma mercadoria, o que, para muitos letrados, tanto no Brasil quanto na Argentina, era a materialização da mercantilização artística. Este é um dos pontos pelo quais Lobato não travou relações com a vanguarda argentina que naquele período despontava, vindo a se consolidar principalmente a partir da aparição da revista *Martin Fierro*,¹⁷ em 1924. Os vanguardistas argentinos acreditavam que «os verdadeiros artistas deveriam estar alheios ao afã do lucro, que poderia desviá-los do seu caminho» (Ribeiro 2004-2005, 183).

Aqui espero a «Nacha Regules», de que farei apreciação na revista. Se a Maestra Normal não fosse uma novella tão grande eu propria a traducção della e a publicação aqui. Mas já verifiquei, como editor, que dado o preço do papel e a pequena receptividade do

¹⁶ Julio Carlos Díaz Usandivaras (1888-?), escritor argentino. O «livro de versos» a que Lobato se refere pode ser tanto *Agreste: poesias*, publicado em Buenos Aires em 1917, como *Cantos Triunfales*, coletânea de poesia argentina, organizada por Usandivaras e publicada em 1919. Lobato não cumpriu o prometido, visto que no número de novembro da revista não saiu o livro de Usandivaras na suposta seção argentina.

¹⁷ Revista literária argentina que circulou entre 1924 e 1927 e marcou de forma contundente as diferenças entre as vanguardas e a geração do Centenário. Seu alvo principal foi Leopoldo Lugones, considerado o modelo a ser destituído. Gálvez e Quiroga também estiveram na mira da revista.

povo brasileiro, não é negocio publicar livros que excedam de 250 paginas. (Albieri 2009, 23)

Em janeiro de 1920, a preocupação de Lobato era com as ilustrações de seu livro *Urupês*, que em 1921 ganharia edição em Buenos Aires. Ele lembra, então, de profissionais da revista *Plus Ultra*,¹⁸ periódico que publicou alguns de seus contos. Monteiro Lobato inovou em relação à programação visual das edições que circulavam no Brasil. Até então, a prática comum era a reprodução das populares publicações francesas, normalmente mais austeras.

Quanto aos Urupês (que entra na 6ª edição - 20º milheiro) acho negocio fazer delle uma edição ilustrada, de luxo. Mas não temos aqui ilustradores. Lembrei-me de recorrer aos da Argentina, que figuram com tamanho brilho na Plus Ultra. Eu daria as indicações, mesmo esboços dos desenhos, e elles ahi fariam a obra. Pediria pois ao amigo que tomasse preços de um delles, do mais capaz. Vinte ou 30 desenhos bastariam. Pode fazer-me esse obséquio? (25)

Recebi sua carta, e a de Alvarez.¹⁹ Conheço-o atravez da *Plus Ultra* e da *Caras y Caretas*²⁰ e considero-o capaz de bellissimas coisas, embora não consiga dar aos desenhos o character local que eu desejava. Mas que fazer, se neste enorme paiz não encontro um ilustrador siquer? Temos optimos artistas, do desenho e da pintura, mas a illustração para livro é uma arte especialíssima que nos falta por completo. Havia aqui um excelente, allemão de nascimento, mas com 30 annos de vida entre nós - A. Zimmermann.²¹ Encomendei-lhe as illustrações; fez uma e... morreu. Sae reproduzida - e mal reproduzida, no proximo numero da Revista. (27)

18 A revista ilustrada *Plus Ultra* foi inaugurada em 1916, na Argentina. Misturando comentários políticos e sociais da época com sátira política e colaborações literárias, a revista se configurou como um grande espaço para que os escritores daquele momento, como Benito Lynch, Manuel Gálvez, Leopoldo Lugones, Miguel Unamuno, publicassem seus textos. A estreia de Lobato na *Plus Ultra* aconteceu em 1920, com o conto «Os Faroleiros»; em junho de 1922, a revista publicou «El drama de la helada», conto de *Negrinha*. Cf. *Plus Ultra*, n. 74, jun. 1922 *apud* Albieri 2009, 25.

19 Nicanor Balbino Alvarez (1890-1953), desenhista que em 1912 começou a colaborar em *Caras y Caretas* e, nos anos 1920, teve suas ilustrações também veiculadas na revista *Plus Ultra* e no jornal *La Nación*.

20 *Caras y Caretas*, revista fundada em outubro de 1898 pelo jornalista espanhol Estaquio Pellicer. Foi uma das primeiras revistas a pagar regularmente pelas colaborações. Lançou novos escritores e proporcionou a diversificação do público-leitor, através de suas várias seções: caricaturas, contos, crônicas, crítica literária, reportagens, etc. O periódico circulou até outubro de 1939, somando 2139 números (Albieri 2009, 27).

21 Aurélio Zimmermann (1854-1919), artista plástico alemão, que em 1905 passou a viver em São Paulo. Lobato lhe dedicou artigo sobre sua arte na RB intitulado «Aurélio Zimmermann». Cf. *Revista do Brasil*, n. 39, fev. 1919, *apud* Albieri 2009, 27.

E mais uma vez é aventada uma efetiva troca de artigos entre as revistas em favor da ‘interpenetração literária’.

Escrevi hoje uma noticia impressionista sobre letras argentinas, sua expansão entre nós, e concluo com umas notas relativas á Maestra e á Nacha. Sahirá no numero de Maio. E desejava manter uma secção, pondo assim os nossos leitores ao par do movimento de idéias argentino. Lembrei-me, porem, que o verdadeiro era permutarmos mensalmente um artigo na *Nosotros*. Mandariamos daqui uma nota brasileira e receberiamos d’ahi uma nota argentina. Deste modo favoreceríamos a interpenetração literaria, com real proveito para ambos os paizes. Em maio começamos. Caso *Nosotros* queira pagar na mesma moeda, a coisa ficará muito interessante. (28)

Em novembro de 1920, Lobato dá início à venda dos livros editados pela Cooperativa Editorial de Buenos Aires, comandada por Gálvez. Nesta carta, fica acertada sua participação na revista *Nosotros*:

Os livros que recebi saem este mez anunciados na revista, e espero vendel-os todos aqui mesmo no escriptorio. Não o fiz ha mais tempo devido a falta de instrucções que vinham na carta que se perdeu. Quanto a *Nosotros*, com muito prazer acceitarei o convite para três ou quatro artigos annuaes sobre letras cá da terra. E por falar em *Nosotros*, não recebi o numero onde vinha o anuncio do meu livro. (28)

No mês seguinte, Lobato cumprimenta Gálvez pela publicação de algumas obras suas nos Estados Unidos e na Alemanha. E prossegue falando da recepção brasileira à literatura argentina e, particularmente, à de Gálvez.

Antes de mais nada meus calorosos parabéns pela penetração nos Estados Unidos e na Alemanha. Isso chega a ser honroso até para a America do Sul, tida até aqui como colonia, incapaz de manifestações serias no domínio das artes. E seu sucesso lá é garantido porque o amigo é um verdadeiro romancista, desses que possuem o segredo de interessar o leitor desde a primeira linha e condizil-o até á ultima sem descahidas. (38)

Tenho aqui entre amigos feito uma boa propaganda de seus livros de modo a augmentar seu circulo de leitores. Até aqui dos argentinos só Ingenieros tinha publico – como agora vi com os livros da editorial que me mandou e dos quaes vendi todos os exemplares da

Loucura na Argentina. Puz esses livros na Livraria Lealdade,²² na vitrina, e tenho esperança de breve vendel-os todos. Sobre o Mal Metaph. pouco disse a imprensa alem do que o amigo já conhece e isso graças á estupidez de Lauria que não distribue o livro. Mando-lhe uma lista de nomes aos quaes poderá remetell-o com vantagem para a propaganda. Tenho lido as suas novellas em Caras y Caretas e na Nov. Semanal, que me deu o Garay. Sempre noto os mesmos característicos: a arte de prender o leitor. O que me admira é também a sua capacidade de trabalho... Extraordinaria! Tenho a Plus Ultra com meu conto e também a Caras com o Comprador de estancias - mui bem traduzidos ambos. Isso ajudará muito a saída do livro. (38)

Lobato encerra a carta se mostrando ansioso e agradecido por uma nota sobre seu trabalho, publicada na *Nosotros*, cujo autor é Gálvez. Também projeta efetivar a seção de literatura sul-americana, rendendo, por fim, homenagens a Faustino Sarmiento e ao seu livro *Facundo o Civilización y Barbarie*.

Quanto á Nacion estou á espera do exemplar que V. me mandou. Confesso muito grato por tantas gentilezas, vendo sempre nisso tudo o dedo indulgente do amigo. Vi-o também na nota que deu *Nosotros*. Vou fazer na Revista do Brasil umas reformas este anno novo e abrirei uma secção de literatura sul-americana, a qual será nos começos quasi que somente Argentina, pois não temos relações ainda com os outros paizes. Assim trabalharemos mutuamente para um reciproco conhecimento. Estou cada vez mais interessado no movimento mental argentino e admirado do que ha por ahi. Estou a ler Sarmiento. É um gênio. *Facundo* é uma obra notabilissima que vou traduzir e publicar - no caso de já estar extinta a propriedade literária - o que peço me informar. O «rastreador», o «gaucho malo» e os outros typos - que esplendidos! E que descortino filosofico tinha elle da influencia do meio no homem. (39)

Em janeiro de 1921, Lobato demonstra mais uma vez seu interesse pela literatura do país vizinho e novamente se refere ao *Facundo*.

Estou a ler a Hist. da Literatura Argentina, de Rojas,²³ que considero um monumento de erudição e de critica á moderna. Tenho, porem, só os dois primeiros volumes. Já saíram os outros? Como nós nos

²² *Loucura na Argentina*: Lobato se refere em português ao livro de Ingenieros *La Locura en la Argentina*, publicado em espanhol pela Cooperativa Editorial Limitada, em 1920, e sem tradução no Brasil.

²³ *La literatura argentina. Ensayo filosófico sobre la evolución de la cultura en el Plata*, de Ricardo Rojas (1882-1957), é considerado o primeiro livro sobre a história da literatura argentina, foi publicado entre 1917 e 1922, pelo escritor (Albieri 2009, 40).

desconhecemos, nós vizinhos sul americanos! Como nos tyranniza e unilateraliza a fascinação européia - ou franceza... Creia que a Argentina está sendo para mim uma revelação esplendida! Que genial pampheto o «Facundo»! Como era grande o Sarmiento! Pode indicar-me uma boa livraria onde possa adquirir livros argentinos? Não há uma edição do Sarmiento com a iconographia da época? Também desejo possuir uma colleção dos melhores livros didacticos ahi adoptados nas escolas primarias. Pode arranjar-me um catalogo ou indicação dellas? (40)

Sua empolgação em relação ao livro de Sarmiento, ao que tudo indica, não encontrou receptividade,²⁴ o que não é surpresa sendo Gálvez um escritor comprometido com a 'reação nacionalista', movimento que buscava o resgate das tradições, via no cosmopolitismo uma ameaça ao espírito argentino e, na imigração, um mecanismo de desnacionalização. Para Gálvez, Faustino Sarmiento representava a consolidação da vitória de Buenos Aires sobre as províncias e o apagamento da essência nacional, tão vibrante no período rosista. Na obra *El diario de Gabriel Quiroga* (1910), o escritor argentino busca responder à questão imposta por Sarmiento: «¿Argentinos? Desde cuándo y hasta dónde».

Sarmiento y Alberdi hablaron con encono de nuestra barbarie y predicaron la absoluta necesidad de europeizarnos. Tanto nos dijeron que nos convencimos de que éramos unos bárbaros y con una admirable tenacidad nos pusimos en la tarea de hacernos hombres civilizados. Para eso se empezó por traer campañas italianas, esas multitudes de gentes rústicas que debían influir tan prodigiosamente en nuestra desnacionalización. (Lodi, s.d.)

Em julho de 1921, Lobato e a versão argentina de *Urupês* ainda eram assunto, assim como também se mantinha forte o empenho pela intensificação do intercâmbio literário.

Recebi a *Nueva Era*²⁵ (que permuta com a Revista do Brasil) e lá vi o retrato e o conto. Sempre o dedo mágico de Gálvez! Por falar em revista, comunico-lhe que voltei a dirigir a minha, tendo sahido Amadeu Amaral, e em o numero deste mez darei nella um longo estudo de Mucio Leão sobre a Nacha Regules. Recebi uma carta

24 O material pesquisado por Albieri infelizmente não reúne os dois lados da correspondência, fato que poderia confirmar essa suposição.

25 *Nueva Era* foi uma revista literária que circulou na Argentina no início do século XX; por ocasião do lançamento de *Urupês* em espanhol, diversas revistas estamparam a fotografia de Monteiro Lobato, dentre elas, a *Nueva Era* (Albieri 2009, 45).

de V. Salaverri, muy gentil (sempre reflexo de Gálvez...), e também os seus contos do Rio da Prata. Além disso, muitos outros livros me tem chegado, com dedicatórias, consecuencia já do aparecimento dos Urupês. Entre elles vieram os três livros de versos de Alfonsina Storni. Mandei traduzir o Facundo. Quero iniciar a serie argentina prestando homenagem ao grande Sarmiento. O segundo será um seu ou de quem o amigo indicar. Um negocio: com a diferença de preços causada pela baixa do cambio valia a pena fazer livros argentinos aqui. (Albieri 2009, 45)

Em outubro de 1921, Lobato recebe carta de Quiroga. A correspondência entre os dois já iniciara alguns meses antes. As mensagens trocadas deixam claro o afeto compartilhado e o respeito e admiração que cultivariam. Quiroga se refere à leitura de Alfonsina Storni por Lobato, um sinal de que os dois já vinham trocando impressões literárias. Neste fragmento o uruguaio insere Lobato na ordem dos 'hijos de Kipling'. Cabe lembrar aqui que Lobato traduziu *Kim* (1901), de Rudyard Kipling, para o português, em 1934.

Mi estimado Monteiro Lobato: Recibí últimamente el ejemplar de la revista que me envió. Gracias de nuevo, e igualmente al amigo Ferraz²⁶ - a «Negrinha», ¿es anterior o posterior a Urupés? Hay allí una historia «El drama de la helada»²⁷ que me place de corazón. Si no fuera acaso molestia para el compañero Garay, traduciría con gusto «Negrinha» para «La Nación» o periódico similar. Le mando con ésta dos ejemplares de «Anaconda», uno para Ud. desde luego, y el outro para algún amigo - Ferraz, si quiere tenerlo. Me gustó que Alfonsina Storni les haya agradado a Uds. ¡Es uno de los buenos escritores que tenemos aquí! Claro que es muy evidente la analogía entre Ud. y yo. Particularmente en el Judas para tratar los sentimientos. Buenos hijos de Kipling, al fin y al cabo. Saludos de los compañeros que lo estiman bien aquí, y muy grandes de su amigo (Albieri 2009, 50).

Na carta de Quiroga, de 12 de novembro de 1921, fica evidente o cuidado do uruguaio com a publicação e tradução de seus livros e o respeito devotado aos profissionais envolvidos nestas tarefas.

26 Brenno Ferraz do Amaral (1894-1961) integrou a direção da *Revista do Brasil*.

27 O conto «O drama da geada» foi publicado pela primeira vez na *Revista do Brasil*, n. 56, agosto 1920, 314-20. Posteriormente, foi incluído na primeira edição de *Negrinha*, que saiu em novembro do mesmo ano. A tradução deste conto para o espanhol foi publicada na revista argentina *Plus Ultra*, n. 77, 1922, *apud* Albieri 2009, 50.

Acabo de recibir una carta del amigo Garay en que, anunciándome haber sido traducido «C.de A.y de M.»²⁸ por la sta Camargo,²⁹ me pide autorización para publicar dicha traducción en su casa editora de ud. Como Ud me habló alguna vez de eso mismo, tendría mucho más placer en tratar este asunto directamente con Ud, como me parece razonable. Me dice Garay que la Sta traductora no tiene aspiraciones pecuniarias al respecto. Tampoco las tengo yo muy grandes, amigo, bien como profesional, y pobre, me sienta halagado cuando consigo unos pesos. En este asunto editorial, dejo a su criterio de colega y editor lo que pueda tocarme a mí de una problemática ganancia. No es detalle el que va a poner una traba en mi amable relación con el Brasil, con su casa editora y con la señorita que tuvo a bien traducir el libro. No quisiera que el amigo Garay malentendiera esto, y le escribiré aclarándole el punto. Pero siendo Ud el editor posible, y yo el autor, creo razonable que entre Ud y yo se trate directamente la cosa. Unas cuantas líneas suyas al respecto, me dejarían muy halagado. – Le mandé días atrás dos ANACONDA, que confío habrá recibido. Y hasta su próxima, muy cordial saludo de su amigo. (51)

Em 23 de novembro, Lobato escreve a Gálvez participando a publicação da *Coleção Brasília*. E reforça seu interesse por publicar uma coletânea semelhante que abarque toda a América.

Lancei este anno uma coleção popular «Coleção Brasília»,³⁰ de que mando uma amostra a título de curiosidade editorial, e da qual espero muito. São tiragens de 5.000 e de custo mínimo, 280 a 300 reis o exemplar, ou sejam 10 cent. Ao lado desta vou lançar para o anno uma «Coleção América»³¹ para obras traduzidas, e nella darei Facundo, Quiroga, Lynch, Gálvez e outros. Os contos do Quiroga diz-me Garay que estão traduzidos, mas não os vi ainda. (51)

28 «C.de A.y de M.» é abreviatura do título do livro *Cuentos de Amor Locura y de Muerte*, publicado em 1917, pela Cooperativa Editorial Buenos Aires, de Manuel Gálvez.

29 Lila Escobar de Camargo, tradutora.

30 A *Coleção Brasília*, idealizada por Monteiro Lobato e publicada pela Monteiro Lobato & Cia, foi lançada em 1921 com os seguintes títulos: n. 1 *Urupês*, Monteiro Lobato; n. 2 *A Renegada*, Carlos Dias Fernandes; n. 3 *Cidades Mortas*, Monteiro Lobato; n. 4 *Romanço de Engenho*, Mario Sette; n. 5 *Os Condenados*, Gabriel Marques; n. 6 *Os Cangaceiros*, Carlos Dias Fernandes; n. 7 *O Bandido do Rio das Mortes*, Bernardo Guimarães; n. 8 *Negrinha*, Monteiro Lobato.

31 A *Coleção América* levou o nome *Coleção Sul-Americana*. Em outubro de 1922, o próprio Lobato explica o objetivo desta coleção: «se comporá de cuidadosas edições das melhores obras aparecidas na Sul-América e iniciará praticamente o programa de aproximação que tem a empresa. Iniciar-se-á com o Facundo, do Sarmiento, dará obras de Gálvez, de Quiroga, de Lynch, de Salaverri, de Barrios e de todos os grandes representativos da literatura hispano-americana» (Albieri 2009, 52).

Em junho de 1922, Quiroga agradece a Lobato pelo já citado artigo sobre a obra *Anaconda*. Quiroga deixa claro o apreço que sente pelo paulista ao considerá-lo, e a Benito Lynch, seus verdadeiros irmãos. Sobre ele e Lobato, afirma, com reconhecida ironia, que escreviam obras ‘pouco literárias’.

Acabo de recibir el numero de la «Revista do Brasil», donde me hallo con sus lineas sobre «Anaconda». Bien que por tratarse de usted no debía sorprenderme de su buena voluntad para conmigo, és tan raro, amigo, hallar una partícula de sinceridad y honradez en los colegas! Tanto más contento en este caso, por ser usted, junto con Lynch, los dos verdadeiros hermanos que encuentro en esta América de Sur. Y la tareita, para gentes que como nosotros escriben de obras poco literarias, es dura. (53)

As transformações advindas com a modernidade e sentidas pelo mercado editorial são assunto de carta a Gálvez, em março de 1923. Mais uma vez Lobato chama a atenção para a necessidade de adaptação ao gosto do público leitor.

Meus parabéns pela Historia de Arrabal.³² Editorialmente creio que agora V. acertou. O publico dá preferencia as novelas curtas em corpo 12, e como o editor encorpendo o papel, dálhes volume, conciliam-se os interesses de todos. Sabe qual a observação que ouvi de vários amigos a quem apresento seus romances anteriores? «Tinha vontade de ler, mas é muito grande, não tenho tempo». De reiteradas observações como essa tirei lições para o meu commercio de edições e não me tenho arrependido. A pressa moderna exige desses menores - de literatura, de teatro, de cinema. Aqui, por exemplo, o teatro que dá lucro, que está sempre repleto, é o de peças concentradas que cabem duas em cada noite. Meu amigo, temos que seguir o velho adagio: dançar conforme tocam. Para a tal biblioteca sul-americana que pretendo fazer, penso agora dar esta sua novela. É a que me convem commercialmente. Objecta alguma coisa contra isso? Poderíamos até dal-a com as ilustrações de Bellocq.³³ Tão (?). Que acha? Inda não comecei isso porque o traductor inda não me deu prompto o Facundo, com que iniciarei a serie. Mas sei que está adiantada a tradução. (65)

32 Novela de Gálvez, publicada em 1922 pela Agencia General de Librería y Publicaciones. Na seção *Recebemos* da *Revista do Brasil*, de 1923, aparece o título do livro. Cf. *Revista do Brasil*, n. 89, maio 1923. Em janeiro de 1923, a revista *Nosotros* publicou artigo sobre o livro. Cf. *Nosotros*, n. 164, jan. 1923, 127-8, *apud* Albierti 2009, 65.

33 Adolfo Bellocq (1899-1972), artista plástico e ilustrador que se encarregou dos desenhos da edição ilustrada do livro *Nacha Regules* e de *História de Arrabal*, de Manuel Gálvez. Cf. Albierti 2009, 65.

Em outubro do mesmo ano, Lobato responde agradecendo a Gálvez por uma versão mais curta de *Nacha Regules*, tendo em vista o leitor brasileiro.

Recebi sua carta e o volume do Nacha encurtado. Ficou de um tamanho optimo e acabo de remetel-o á Srta Murilla Torres, moça de cultura, com um livro no prelo e capaz de uma optima traducção. Mandarei provas antes de começar a impressão. Vou combinar com ella o preço e tal seja elle, a parte de lucros do autor será sacrificada, porque tenciono dar uma edição de 2.000 apenas. Estes nossos paizes, caro amigo, possuem inda muito pequena a receptividade para livros. Em todo o caso, farei o possivel para que os lucros tambem cheguem ao autor, porque sei que prazer isso dá. Facundo está a imprimir-se e traduzo também o Hermano Asno, de Barrios, e um de Gutierrez, Juan Moreira³⁴ bem popular. Vamos ver se serei mais feliz aqui do que v. foi ahi com a colleção sul-americana. (70)

Logo após, em novembro, é Quiroga quem escreve falando sobre questões de tradução, de adaptação ao veículo de publicação e aos leitores. Ele se refere, ainda, à linguagem ‘caipira’ adotada por Lobato:

En cuanto a la traducción, debo recurrir a veces a giros, no tanto por dificultad mía para hablar el equivalente, como por las cosquillas académicas de los directores de revistas. En fin, amigazo, poco a poco iremos domando a la gente. [...] Alguns de los cuentos suyos de «R. do Brasil», sería macanudo para una reproducción; pero son nombrado largos para estas revistas. Y también me animaría a traducirlos yo solo. Você ten uma lingua muito caipira (¿así se dice?). (71)

A camaradagem entre os dois é grande, como se pode notar em carta de janeiro de 1924. Quiroga segue envolvido com traduções de Lobato, sem deixar de lado as questões relativas à profissionalização do escritor, tratadas por ele com muito bom humor.

Ayer o anteayer le escribí medio largo. Hoy agrego unas líneas más, con este objeto: Creo que, si Vd me ayuda en algunas expresiones, me animaría a traducir LA NUBE DE LANGOSTA, y tal vez la TRAGEDIA DE UN CAPON DE POLLOS.³⁵ Su ayuda consistiría en

34 *Juan Moreira*, livro do argentino Eduardo Gutierrez (1861-1889), publicada em 1879, em forma de folhetim, pelo jornal *La Patria Argentina*. Em 1880 saiu em livro. Embora Lobato anuncie nesta carta que havia dado «um livro popular d’ahi» em 1923, Juan Moreira só faz parte do catálogo da Monteiro Lobato & Cia.

35 *A nuvem de gafanhotos* e *Tragédia de um capão de pintos*, publicados em *O macaco que se fez homem*, em 1923.

explicarme los términos que yo le enviara por carta. No serían pocos, sin embargo. Es idiota que aquí no conozcan todo lo posible de Vd. Pago: Pudiera ser que ATLANTIDA (con quien estoy en buena relación), pagara \$ 50. Com seguridad, \$30. A medias, seu Lobato. Con sus quince pesos, Vd compra una cerradura para el cuarto suyo que ha de hospedarme un día. Y yo, con mis quince, hago más que Vd. Indispensable que tratemos estas cosas como dos pobres diablos cualesquiera, viejo amigo. En estos días sabré si ATLANTIDA llega a los \$50. Infórmeme Vd si está dispuesto a ayudarme en la traducción. (74)

Em outubro de 1924, é publicada, finalmente, a obra *Nacha Regules* com tradução para o português. Lobato se refere com entusiasmo a várias obras sul-americanas que deseja publicar, o que, por fim, não ocorreu. Seu negócio editorial, no entanto, crescera nos últimos dois anos: as instalações foram transferidas para um prédio mais espaçoso, foi importado novo maquinário e tinha cerca de duzentos funcionários.

A Nacha sahiu finalmente. Houve isto: como eu desejava rever a tradução, e os trabalhos da empresa se accumularam extraordinariamente, nunca tinha tempo para isso. Afinal vi que assim o livro não sahiria nunca, e puz-me a revel-o mesmo sem ter tempo. Foi aos poucos mas foi, e agora está em revisão. Isto aqui cresceu tanto que o pobre literato que havia em mim hibernou, se não morreu. Bem quer elle continuar, mas o outro, la bête rouba-lhe o tempo inteiro. Mandeí traduzir a Maria do colombiano Isaacs,³⁶ que é o que ha de romantico e vagaroso, como o querem os sentimentaes. Também dei um livro popular d’ahi, Juan Moreira, coleção de facadas e tiros de arrepiar os cabellos. Andei pensando no Gutierrez com os romances do tempo de Rosas.³⁷ Aconselha-me a editar algum? Quaes os mais interessantes? E Amália?³⁸ Que és eso? Seria tradução aconselhavel? (80)

Em janeiro de 1925, Lobato confirma o envio da obra *Nacha Regules* traduzida para o português e comenta sobre a presença no Brasil de

36 *María*, novela do colombiano Jorge Isaacs (1837-1895), publicada em 1867, na Colômbia. A *Revista do Brasil* transcreveu o texto *Innocencia e Maria*, de Argeu Guimarães, escrito em Bogotá, em 1924, que trata da relação entre *Inocência* (de Affonso de Taunay) e *Maria* (de Jorge Isaacs). Cf. *Revista do Brasil*, n. 119, março 1925, 220-7, apud Albieri 2009, 80.

37 General Juan Manuel de Rosas (1793-1877), governador de Buenos Aires de 1829 a 1832, e de 1835 a 1840.

38 *Amália*, novela do argentino Jose Mármol (1817-1871), saiu em forma de folhetim, no periódico uruguaio *La Semana*, entre 1851 e 1852, porém foi interrompida, já que Mármol voltou para a Argentina antes de acabar a história, o que fez somente em 1854, quando preparou a 1ª edição de suas *Obras Completas*.

Lorenzo Stanchina e Nicolás Olivari, autores da obra *Manuel Gálvez, ensaio sobre su obra*, publicada em 1923, obra que «expõe um programa oposto ao das vanguardas» (Sarlo 2010, 343).

Nacha sahiu, finalmente, e mando-lhe 20 exemplares. Se quiser mais é só pedir. Tirei 2.000 ex, em papel de jornal, e nesse um pouco melhor. Vamos agora ver como se comporta o nosso publico em relação ao grande romancista argentino. Estão aqui Stanchina e Olivari, dois excellentes rapazes, ambos seus amigos sinceros. O bem que disseram da obra de Gálvez no ultimo livro publicado, dizem-no de viva voz sempre que seu nome vem á scena. É um gosto ver uma obra como a sua despertar tão sólidos entusiasmos. Junto com a Nacha mando-lhe um livrinho para creanças,³⁹ da minha lavra. (Albieri 2009, 83)

A Monteiro Lobato & Cia. publicou por volta de 285 obras ao longo dos quase cinco anos de funcionamento, alcançando seu ápice no ano de 1923, com 145 lançamentos. Em 1924, a editora abriu seu capital a acionistas, surgindo a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Com esta nova conformação, Lobato publicou um total de 393 títulos no ano de 1925. Mas os tempos andavam difíceis para Lobato que havia adquirido muitas dívidas por conta da modernização de seu empreendimento. Em situação desfavorável para enfrentar a séria crise financeira que se apresentava no país, em parte devido a questões econômicas de origem política e, em parte, devido ao racionamento de energia imposto pela falta de chuvas em São Paulo que impossibilitava que as máquinas fossem operadas em sua normalidade, Lobato viu-se obrigado a vender a *Revista do Brasil* e a decretar a falência de sua editora. O múltiplo empresário, entretanto, não sossegou e, no mesmo ano da quebra de sua editora, estreou a Companhia Editora Nacional.

Após um breve período cujo saldo foi positivo, as vendas da nova editora declinaram e Lobato decidiu aceitar convite de trabalho em Nova Iorque, como adido comercial nos Estados Unidos, o que fez com que se afastasse da direção da editora, vendendo sua parte ao sócio em 1929. De volta ao Brasil, em 1930, Lobato passou a trabalhar para a Companhia Editora Nacional como editor e tradutor. Em carta dirigida a Gálvez, já no ano de 1934, Lobato declararia:

Daquela grande companhia editorial que tinha o meu nome e naufragou em 1925 extraí no mesmo ano outra, a Cia Editora Nacional, que é hoje a maior do Brasil. O ano passado editamos 1.300.000 volumes e este ano já chegamos a 1.000.000 este mês.

39 É possível que o livro citado seja *Caçadas da Onça*, recentemente publicado, em fins de 1924.

Sucesso absoluto, com sucursais em todas as capitais brasileiras, em Portugal e colônias. Estamos a vender livros em todos os continentes - Na Ásia, em Macau, e na África, em Moçambique e Angola. Creio que bati um recorde no Brasil, havendo passado de 600.000 exemplares dos meus livros em dezembro do ano passado; e este ano já editei 80.000 e tenho um programa de mais 40.000 até o fim do ano. Positivamente o Brasil já lê. (201)

4 Considerações finais

O propósito deste trabalho foi o de reunir algumas informações sobre o movimento de integração literária promovido por Monteiro Lobato, Manuel Gálvez e Horacio Quiroga, entre os anos 1919 e 1925, período em que a correspondência entre os autores se deu de maneira mais intensa.

Fica claro, desde o princípio, que os três foram, além de escritores que alcançaram reconhecimento, homens vinculados à imprensa. Escreviam em importantes revistas e jornais, intensificando o intercâmbio entre o Brasil e a Argentina, sendo a *Revista do Brasil* e a *Nosotros* os meios mais influentes neste aspecto. Também se dedicaram à tarefa de tradução e edição de livros, sendo que Gálvez e Lobato administraram suas próprias casas editoras, arregimentando outros escritores e tradutores em torno de seus projetos.

Lobato começou a ser efetivamente lido na Argentina a partir da publicação de seu livro de contos *Urupês*. Com isto, e impulsionado por Gálvez e Quiroga, passou a colaborar com diferentes textos em periódicos argentinos, especialmente contos avulsos que despertavam o interesse dos leitores portenhos. Pelo outro lado, foi através das colunas da *Revista do Brasil* coordenadas por Lobato que os dois escritores chegaram ao conhecimento dos leitores brasileiros.

A geração de Quiroga e Gálvez consumou uma nova condição intelectual, a do escritor profissional. Isso não quer dizer triunfo financeiro, já que o sistema literário era ainda incipiente, impedindo que os profissionais vivessem exclusivamente de seu trabalho. Segundo Beatriz Sarlo «se trata más bien del proceso de identificación social del escritor: hombres que dejaban de ser políticos y a la vez escritores para pasar a ser escritores que justamente en la práctica de la literatura afirmaban su identidad social» (Altamirano, Sarlo 1997, 214). Tal posição se configurou, entretanto, muitas vezes em decorrência do próprio processo de socialização deste intelectuais «que se viram destituídos de um futuro político, forçados a lutar por um lugar na cena cultural portenha» (Miceli 2012, 96).

Foi a geração do Centenário que criou condições para que as vanguardas pudessem se desenvolver na Argentina. A profissionalização do escritor, o aumento do número de periódicos e o desenvolvimento do mercado editorial foram ao mesmo tempo nascedouro e ponto de ruptura.

Lobato não esteve totalmente distante das movimentações modernistas de São Paulo, pelo contrário, foi muito próximo de alguns integrantes e de suas ideias, especialmente de Oswald de Andrade. Sua oposição foi muito mais ligada ao que julgava uma incorporação acrítica dos valores estéticos das vanguardas europeias por parte de alguns modernistas, do que propriamente uma aversão a uma apropriação de recursos expressivos modernos. Em carta a Godofredo Rangel, em abril de 1924, diz ao amigo que entregara a *Revista do Brasil* a Paulo Prado e Sergio Milliet e brinca: «Eles são modernistas e vão ultra modernizá-la. Vejamos o que sai - e se não houver baixa no câmbio das assinaturas, o modernismo está aprovado» (Lobato 1968, 264). Lobato entendia que o modernismo poderia ser, sim, uma vertente renovadora capaz de transformar o quadro de dependência cultural da Europa ultrapassada e decadente, à qual o parnasianismo estaria ligado. Sua simpatia pelo movimento parece evidente a partir do comentário sobre a função do modernismo no que tange à língua, uma questão cara ao escritor.

Essa brincadeira de crianças inteligentes, que outra coisa não é tal movimento [o futurismo, como então, denomina o movimento modernista] vai desempenhar uma função muito séria em nossas letras. Vai forçar-nos a uma atenta revisão de valores e apressar o abandono de duas coisas a que andamos aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal. Valerá por um 89 duplo - ou por um 7 de setembro. Nestas duas datas está exemplificado o modo de falar da escola antiga, francesa, e da nascente nacionalista (Costa 2012, 29).

Lobato pensava na modernização do país, no aumento da produção de livros e no incentivo à leitura. A formação de um circuito literário a partir da *Revista do Brasil* e ampliado em decorrência das duas casas editoras consagrou Lobato a uma posição impar no meio cultural nacional - e mesmo internacional, se levarmos em conta o projeto de integração sul-americana e a sua penetração na Argentina. Além dos avanços nas questões específicas do setor editorial, o trabalho desenvolvido em favor da inserção de novos autores e da atualização das condições de atuação dos escritores demonstram a importância de Lobato para o campo intelectual brasileiro.

Referências

- Albieri, Thaís de Mattos (2009). *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina* [tese de doutorado]. São Paulo: IEL/Unicamp.
- Almeida, Néri de Barros (2002). «Feudalismo: conceito e origem». *Estudos de História*, 9(1), 11-30.
- Altamirano, Carlos; Sarlo, Beatriz (1997). *Ensayos Argentinos: De Sarmiento a la Vanguardia*. Ariel: Espasa Calpe Argentina.
- Costa, Bianca Campello Rodrigues (2012). *Monteiro Lobato: um modernista desprezado* [dissertação de mestrado]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Garcia, Juliana Cristina (2013). *Monteiro Lobato: contista e editor* [dissertação de mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Lobato, J.B. Monteiro (1965). *Crítica e outras notas*. São Paulo: Brasiliense. Obras completas de Monteiro Lobato 18.
- Lobato, J.B. Monteiro (1968). *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense. Obras completas de Monteiro Lobato 11-12.
- Lodi, María Lourdes (s.d.). *El Proyecto Nacionalista de los Intelectuales del Centenario*. URL <http://jornadas.ar.tripod.com/ponencias5centenario.htm> (2019-03-27).
- Miceli, Sérgio (2012). *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, Lúcia Lippi (1990). *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense.
- Pasquaré, Andrea (2012). «Giusti y la revista Nosotros (1912-1930): crítica, política e intervenciones literarias en la formación del campo cultural argentino». *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, 12, 112-42. URL <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1333> (2019-03-27).
- Ribeiro, Maria Paula Gurgel (2004-2005). «Sobre diálogos literários: Monteiro Lobato, Manuel Gálvez e Horacio Quiroga». *Revista USP*, 64(dez.-fev.), 174-89.
- Ribeiro, Maria Paula Gurgel (2007). *Sobre diálogos literários: Monteiro Lobato, Manuel Gálvez e Horacio Quiroga*. Argentina: Mediações Culturais.
- Ribeiro, Maria Paula Gurgel (2008). *Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais* [tese de doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Sarlo, Beatriz (2010). *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify.

